

# Estará Óbidos condenada a ser cenário de eventos ou a ter vida própria?

No interior do perímetro formado pelas muralhas do burgo medieval vivem hoje apenas 80 pessoas, mas os sucessivos eventos ali realizados animam as ruas. Há quem defenda menos festas e mais pessoas

**Património**  
Carlos Cipriano

Há algumas décadas, eram várias centenas os habitantes que viviam dentro das muralhas de Óbidos. Hoje restam 80 residentes, um número que tem tendência a diminuir, apesar da notoriedade crescente da vila, graças sobretudo aos eventos anuais que nela se realizam.

Festival do Chocolate, Mercado Medieval e Vila Natal são os três momentos áureos para o comércio local desde que a autarquia, há 11 anos liderada pelo social-democrata Telmo Faria, apostou numa política de eventos que tem feito afluir à vila centenas de milhares de visitantes. Só na Vila Natal deste ano, que terminou a 2 de Janeiro, estiveram 150 mil pessoas, segundo a organização. E contando os outros dois eventos (100 mil pessoas na feira medieval e 200 mil no Festival do Chocolate), estes picos de visitantes terão ultrapassado os 450 mil em 2012.

Por vezes há ruas congestionadas, estacionamento caótico e acessos bloqueados, mas para o comércio local e para os empresários e artesãos presentes, são momentos ímpares para facturar. E a vila ganhou uma projecção como nunca teve durante todo o século XX.

Fora destes períodos, contudo, e sobremaneira durante a época baixa, a experiência de passear à noite nas vielas do burgo pode ter tanto de romântico e nostálgico como de deprimente. O som dos passos a ecoarem na calçada em ruas onde não se vê viva alma, numa localidade que está despovoada e onde os únicos sinais de vida são algum bar aberto – e igualmente deserto – ou a recepção de algum estabelecimento hoteleiro, pode ser apreciado por alguns forasteiros. Mas não pelos obidenses, que há muito optaram por viver fora das muralhas, nos arrabaldes, ou na vila vizinha de Gaeiras, uma freguesia que tem mais habitantes do que o conjunto formado pelo castelo mais a zona circundante.

Cristina Rodrigues, deputada municipal pelo PS, diz que o turismo e o comércio tomaram conta das ruas e substituíram os habitantes. “Património são pedras, edifícios, lugares, espaços, mas são as pessoas que estão em primeiro lugar e por



A necessidade de repovoar a vila medieval é reconhecida por muita gente

## Quem lá vive é que deve decidir

Geógrafa diz que ambas as opções são válidas

“Técnicamente e cientificamente, as duas estratégias [cenário para eventos ou burgo habitado] são válidas. Numa estamos a criar um centro histórico artificial, sem gente e sem vivência quotidiana. Noutra temos um potencial imagnético brutal, com projectos culturais que podem ter um efeito produtivo que não sei se teriam com população lá dentro”. Teresa Marques, geógrafa, professora da Universidade do Porto, resume assim as duas opções. Mas acha que devem

ser os habitantes a decidir. “As decisões políticas partem de processos participativos e estas escolhas devem ser discutidas com os residentes”, defende. A geógrafa diz que o repovoamento deste tipo de centros históricos é normalmente feito por populações muito específicas, casais jovens, devendo acautelar-se eventuais conflitos com quem já lá está. Mas sublinha que a escolha deve ser feita entre preparar estes locais para quem os visita ou para quem neles reside. **C.C.**

isso a preocupação primeira da autarquia deveria ser criar condições para fixar residentes, para uma vida confortável no espaço histórico”.

Neste sentido, diz que a recuperação de casas da autarquia dentro das muralhas para *ateliers* criativos pode ser uma ideia para criar empregos, mas que igualmente importante seria reabilitar os edifícios para os tornar habitáveis e fixar população.

Uma opinião partilhada por Arlinda Ribeiro, uma natural da vila que está ligada à conservação e restauro do património e vive em Monsaraz, desiludida com aquilo em que se transformou a sua terra.

“Tudo o que tem alguma verdade em Óbidos está a ser mascarado, transformado numa caixa de bombons. Aqueles eventos são uma alegoria, uma espécie de parada carnavalesca”, diz, defendendo que a prioridade deveria ser o património

humano, pois “quase não há obidenses a viver em Óbidos”.

Luís Cajão, presidente da associação empresarial local, diz que a vila tem hoje uma grande visibilidade graças aos eventos que nela se realizam e ao facto de ter sido escolhida como uma das sete maravilhas de Portugal. Mas considera que “fixar gente intramuros é fundamental para haver vida própria na localidade e para que o próprio comércio não fique dependente dos picos”.

Destaca ainda a questão da segurança, pois, apesar de não se registarem ocorrências policiais frequentes (a GNR é, a par dos Correios e da câmara municipal, das poucas entidades públicas instaladas dentro das muralhas), uma povoação deserta é potencialmente insegura. O PÚBLICO contactou a autarquia para saber se tem previstas políticas de repovoamento, mas não teve resposta.